

Conversa com Aumont: olhar é narrar

Miguel Freire

1, Mais do que ver: olhar é narrar

Diferente da idéia da visão como algo sem permeio, faculdade inata e imediata da condição animal, uma espécie de dom espiritual legado ao corpo biológico, procuraremos entender a ato de ver como uma construção e, mais ainda, como uma narrativa.

No Brasil do início do século XXI, em uma estação de metrô da cidade do Rio de Janeiro, quando uma mãe disse para sua filha adolescente que o esmalte vermelho de suas unhas seria visto como sinal de conduta vulgar, “as pessoas lêem as cores”, tal assertiva incluía na sua visão conceitos ligados à sociologia (pensada como ciência marcada pelo esforço de estabelecer leis ou no mínimo regularidades ou generalidades), a psicologia comportamental, a ética e mais uma gama de valores que estavam introjetados em seus preceitos de conduta. Ver no vermelho mais que a cor encarnada põe em cheque o conceito de visão conata, total, acabada e abre espaço para investigações de hipóteses sobre subjetividades e construções múltiplas dessa mesma visão.

Para Chauí (NOVAES, 1988, p.33) “olhar é ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si”, acreditando que a visão tem origem em nossos olhos e se forma de fora para dentro para dentro de nós ao mesmo tempo em que acontece de dentro de nós para o mundo exterior.

Para a pesquisadora pensamento e visão se confundem, no seu entender “é cego quem não pode pensar – saber” e conhecer é clarear a vista, de tal forma que somente o saber permite o olhar. (idem, p. 38). O pensar nasce do ato de olhar, o pensamento é uma espécie de visão, um jeito próprio de ver.

Encontrar a claridade do saber fugindo das trevas da ignorância, sair do obscurantismo para o iluminismo são figuras de linguagem que alinham a luz com a sabedoria e o escuro com o desconhecimento e colaboram com as questões que estão incrustadas nos questionamento de Marilena Chauí: “Por que espantar-nos, afinal, com o privilégio do olhar? Não tem sido a história da filosofia o interminável debate entre o

ser e o aparecer, o aparecer e o parecer, o parecer e o ser? Não é a teoria do conhecimento a longa dialética do esclarecimento?” (ibidem, p.44).

Embora Paul Ricoeur não trate especificamente do olhar em *Tempo e Narrativa*, localizamos no tomo I de sua obra, considerações sobre o ver e o pensar que permitem uma analogia com o entendimento da indissociabilidade existente entre a visão e o conhecimento. Para ele “Se se gosta de ver imagens, é por que as olhando aprendemos a conhecer e conclui-se o que é cada coisa como quando se diz: este é ele”. Compreender, inferir e reconhecer formam a tríade do prazer da imitação, do prazer do aprendizado. (RICOEUR, 1994. p. 68). Para o filósofo o aprendizado acontece através do olhar, é por intermédio do olhar que atingimos o prazer de aprender. (idem p. 81) O prazer de aprender é a satisfação de reconhecer e o prazer de reconhecer é construído e experimentado pelo espectador a um só tempo. Da mesma forma a compreensão pode ser definida como a ação de apreender junto, “em um único ato mental”, coisas que são separadas, fatos que não foram experimentados juntos ou que se encontram separados no tempo e/ou no espaço e mesmo que distantes dentro de determinada lógica. Para ele (ibidem, p. 228) a compreensão se encerra no ato pessoal de “ver-coisas-junto” e mais nada.

Ricoeur não distingue descrever de explicar. Afirma que a explicação não surge do oco, não aparece do vazio, pelo contrário, a explicação sempre advém, de uma forma ou de outra, de alguma escrita narrativa, de algum discurso que retém uma estrutura narrativa. (RICOEUR 1994, p.256). De tal forma que uma lista de fatos desvinculados entre si não constitui uma narrativa, uma simples narrativa é mais do que o relato de fatos ocorridos e ordenados cronologicamente. Uma narrativa que não atinge o plano da explicação não chega a ser uma narrativa é menor que uma simples narrativa. Apenas “Uma narrativa que explica é uma narrativa pura e simples”. (idem, p.212).

As observações de Marilena Chaui e, sobretudo as conclusões de Paul Ricoeur, entre elas a afirmação de que “Narrar já é explicar”. (RICOEUR 1994, p.256) nos encorajam a, analogicamente, entender que o olhar deixa de ser cego quando compreende e para compreender precisa aprender e explicar e para explicar narra, pois que, somente nos damos conta de que sabemos quando narramos e o entendimento, a compreensão somente é possível pela narrativa. Portanto a visão se concretiza além do perceber, o ato de ver comporta a equação Olhar-aprender-explicar-narrar ou simplesmente: olhar é narrar.

1.1 O olhar e a visão

Olhar envolve entendimento plural que transcende o ato ou ação qualificada pelo verbo como enxergar. A palavra olhar pode ser até mesmo entendida como maneira, jeito de vê determinado assunto ou mesmo como partido adotado com respeito a fatos e acontecimentos. Sendo por vezes sinônimo de lugar ou ponto de vista. Podendo até mesmo ser negado como em Perrone-Moisés (NOVAES, 1988, p.333): “Olhar sem ver porque a vida é sonho e tudo é oculto”, para desassociar o mundo exterior do olhar subjetivo, pessoal, interior, formado de imagens imateriais, imagens que transitam ou dormem na memória.

Podemos também dizer que o olhar resulta da transcodificação procedida pelo cérebro humano de sinais luminosos recebidos pelos olhos em um processo que o senso comum chama de visão. Porém, seguindo recomendações de AUMONT (2008, p.59): “O olhar é quem define a intencionalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão.”, faremos distinção entre olhar e visão, aproximando o conceito de visão do resultado que ocorre no processo que vai da emissão de luz refletida por objetos, ou mesmo por eles emitidas, em direção ao olho, passando por inúmeras e complexas etapas, até atingir o cérebro, já constituída ou transmutada em entendimento ou sentido. Junto com Fernando Pessoa: “Com o olhar a razão / Deus me deu, para ver / Para além da visão - / Olhar de conhecer” (PESSOA in NOVAES, 1988, p.331) acentuamos essa diferenciação, somente para separar didaticamente em categorias: a visão e o olhar. Embora a distinção possa ser encontrada em outros autores vale ressaltar que a categorização não encontra justificativa científica mais sólida. Nesse texto obedece ao livre arbítrio e está sendo feita em razão de vontade estritamente pessoal.

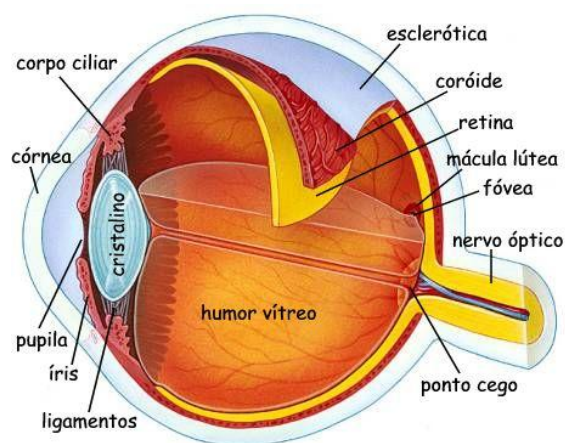
Para falar de visão, no sentido acima colocado, é obrigatório mencionar o olho como instrumento participante do processo. O olho humano como equipamento intrínseco do mecanismo biológico, físico-químico, psicológico, ótico e também mecânico, entre outros, que encerram os sentidos que damos ao verbo ver.

1.2 O Olho não é o olhar

De maneira simplificada podemos dizer que o olho é um órgão capaz de captar a luz e transforma-la em impulso elétrico. Da mesma forma afirmamos que o globo ocular humano, com aproximadamente 2,4 cm de diâmetro e pesando por volta de 7,5 gramas

é, obviamente, parte integrante e fundamental do complexo sistema visual. Sua constituição, também de modo básico, é formada por cavernas preenchidas por líquidos: humor aquoso e humor vítreo e integra elementos denominados córnea, íris, pupila, cristalino, retina, nervo óptico, entre outros.

Em descrição sumária podemos dizer que no olho humano a luz refletida pelos objetos atravessa a córnea, o humor aquoso, a pupila, o cristalino, o humor vítreo e atinge a retina, onde as imagens desses objetos são formadas. Então, o nervo óptico envia aos centros visuais cerebrais impulsos nervosos decorrentes da sensação provocada pelos raios luminosos e o cérebro interpreta esses sinais e permite, assim, ver ou reconhecer a imagem dos objetos que refletiram a luz. O olho é um órgão par. O cérebro humano junta em uma única imagem os impulsos nervosos vindos dos dois olhos. Tal capacidade permite perceber relevos e profundidade, efeitos que são criados a partir das diferenças existentes entre as duas imagens que cada um dos olhos envia para o cérebro. Com apenas um dos olhos percebemos somente duas dimensões: a altura e a largura dos objetos. Olhando com os dois olhos temos a noção da terceira dimensão: a profundidade.



(figura 1)

O globo ocular é envolto pela esclerótica, um tecido fibroso, elástico e quase todo opaco. A parte branca e opaca é conhecida como esclera e a parte transparente, localizada na região polar anterior, com forma elíptica, chama-se córnea. A córnea atua como uma lente convergente centralizando os raios de luz que chegam aos olhos.

O humor aquoso é um líquido transparente que preenche a câmara anterior do globo ocular. Essa primeira câmara fica situada entre a superfície posterior da córnea e o cristalino, mediada pela íris. O fluido incolor é constituído por 98% de água e 2% de

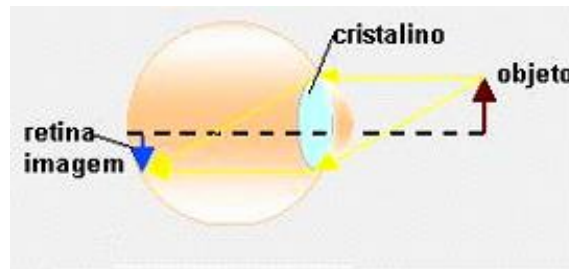
sais dissolvidos. Sua principal função é manter a pressão intra-ocular, portanto, responde pela tensão do olho.

A parte anterior colorida dos olhos é chamada íris, um músculo circular esfíncter que abriga e regula de modo reflexo a pupila. Conhecida vulgarmente como menina dos olhos (termo oriundo do Latim), a pupila é uma cavidade, uma abertura arredondada de diâmetro regulável que dosa a passagem de luz vinda do meio exterior para atingir os órgãos sensoriais da retina. Sendo um orifício, não possui cor, seu perímetro apresenta aparência escura em decorrência da ausência de luz no interior do olho. Ela fica situada entre a córnea e o cristalino, no centro da íris.

Diante de fraca luminosidade ambiente a pupila dilata-se para permitir a entrada de maior quantidade de luz. Quando a luz é intensa, ocorre o contrário, a pupila contrai-se impedindo a passagem do excesso de luz. A maior entrada de luz permitida pelo maior diâmetro da pupila não causa maior nitidez da imagem como poderíamos imaginar, pelo contrário, as variações diafragmáticas atuam na nitidez da imagem de maneira inversamente proporcional, ou seja: maior abertura corresponde a menor nitidez (menor profundidade de campo, fenômeno sobre o qual falaremos com mais detalhes adiante) e vice-versa. Vale considerar, por último, que o olho, sendo um órgão biológico, não é regido estritamente nos limites marcados pelas leis da ótica física. Não é apenas a luz que afeta as dilatações e retrações da pupila. Estados emocionais diversos provocados por raiva, medo, alegria, tensão, entre outros fatores, até mesmo o uso substâncias químicas causam variação espontânea da abertura da pupila. Tal característica remete obrigatoriamente para uma leitura ímpar, subjetiva e temporal dos objetos vistos.

Atrás da íris encontra-se o cristalino, uma espécie de lente natural, transparente, que a ótica classifica como biconvexa de convergência variável. As lentes biconvexas apresentam as extremidades mais finas do que a parte central, o que as possibilita convergir os raios luminosos que sobre elas incidem em direção a um único ponto. De maneira simplificada e esquemática podemos considerar o olho como uma lente biconvexa (cristalino) que recebe os raios de luz refletidos por um objeto do meio exterior e por convergência cria na superfície posterior, ou seja, no fundo do olho onde é encontrada a retina, uma imagem invertida deste mesmo objeto. Nesse sentido o cristalino se torna responsável pela nitidez ou focalização da imagem. Diferente das lentes rígidas de vidro o cristalino possui uma flexibilidade que permite alterar sua forma, seu grau de convergência, qualidade que permite a focagem da imagem independente da distância que o objeto esteja do olho. Como explica AUMONT (2008,

p.20) “é a esta variabilidade que se chama acomodação”. Então, para acomodar a imagem, torná-la focada ou nítida no fundo do olho, é preciso variar a convergência do cristalino, deixá-lo mais ou menos abaulado, aumentando tanto mais sua curvatura quando os objetos se aproximam dos olhos. As variações do cristalino acontecem de modo reflexo e levam mínimos tempos para consolidar as “acomodações” assinaladas pelo pesquisador.



(figura 2)

Consegue-se ver com nitidez um objeto que se encontra mais perto ou mais afastado do olho porque a imagem sempre se forma sobre a mesma superfície, no caso a retina. Como a distância entre o cristalino e a retina permanece constante e a distância do objeto ao olho varia é preciso que a distância focal do cristalino seja variável, como de fato é. A curvatura do cristalino fica diferente para cada posição do objeto em relação ao olho, permitindo que a imagem se forme sempre com nitidez sobre o plano da retina.

Os raios de luz que atravessam o cristalino mergulham em uma substância gelatinosa, transparente chamada humor vítreo. A forma do olho é sustentada pelo vítreo que preenche a segunda caverna ocular. A cavidade vítrea é maior que a anterior e se estende da parte de trás do cristalino até à frente da retina.



(figura 3)

A retina é uma membrana de células nervosas assentada no seguimento posterior do olho que se estende da pupila ao nevo óptico. Sua composição abriga dez camadas das quais chamamos a atenção para uma malha sensorial de fotorreceptores e o epitélio pigmentário, a camada mais externa. As células fotorreceptoras liberam moléculas neurotransmissoras em grandes quantidades na escuridão e diminuem proporcionalmente esse volume com o crescimento da intensidade de luz que as atinge. A variação desse fluxo permite à retina adaptar-se a obscuridade dos cenários pouco iluminados e à claridade das paisagens intensamente varridas pela luz.

Existem milhões de células sensíveis à luz na retina humana. Elas estão divididas em dois grandes grupos: os bastonetes e os cones. Os bastonetes¹ funcionam com baixos níveis de luminosidade, porém, estão limitados à percepção do claro e escuro, detectam somente os tons de cinza. São responsáveis, basicamente, pela visão noturna e em ambientes de penumbra, pouco iluminados, atuam ainda, como auxiliares na visão periférica. Os bastonetes têm forma cilíndrica alongada e ficam concentrados nas regiões mais externas da retina. São cem vezes mais sensíveis que os cones e os superam quantitativamente na ordem de mais de dez por um, somam cerca de cem milhões de bastonetes contra seis milhões de cones para cada olho humano.

São os cones que possibilitam a percepção das cores. Concentrados na região da fóvea da retina eles são sensíveis aos altos níveis de iluminação. A imagem fornecida pelos cones é mais definida, mais rica em detalhes. Essas células nervosas estão subdivididas em três tipos a partir da sensibilidade à faixa de comprimento de onda do espectro luminoso, correspondente ao vermelho, verde e o azul². Essa qualidade do cone o qualifica a distinguir as cores.

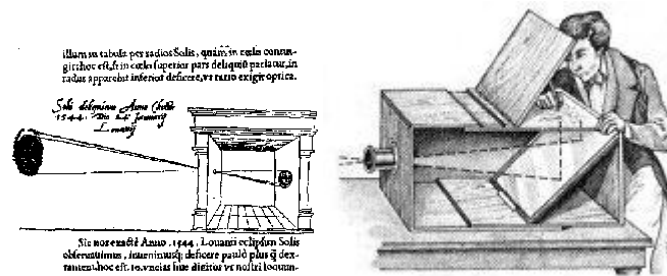
A retina é, portanto, o lugar onde se forma a imagem ótica dos objetos. Porém, não é somente uma tela de projeção que recebe a imagem invertida dos objetos. Sua função é, também, transformar o estímulo luminoso em estímulo nervoso. Quando ferida pela energia luminosa estimula células sensíveis adjacentes criando um impulso que se propaga pelo nervo óptico. Desta forma converte luz em impulsos elétricos que são conduzidos ao cérebro para análise e decodificação.

¹ Nos bastonetes existe uma substância química produzida a partir da vitamina A que é sensível à luz: a Rodopsina.

²Os cones podem ser tipificados pela sensibilidade aos picos de onda luminosa que qualificam as cores: o azul-violeta (419 nanometro), o verde (531 nm) e amarelo (559 nm). A classificação dos cones em vermelho, verde e azul (RGB) é uma simplificação usada por comodidade para identificar as três frequências alvos, embora não corresponda exatamente à sensibilidade real dos fotorreceptores. Todas as tonalidades existentes derivam de combinações dessas três cores primárias.

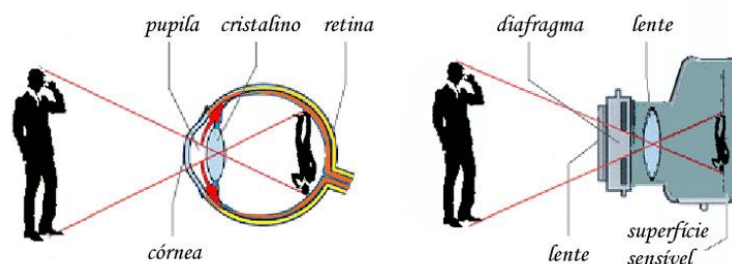
Fonte: <http://www.afh.bio.br/sentidos/sentidos1.asp> - consulta em 8 de fevereiro de 2009.

É recorrente a equiparação feita entre o olho e a câmera escura e mesmo entre o olho e a máquina fotográfica.



(figura 4)

O conhecimento da formação de imagem refletida na parede posterior de uma câmera escura remota a tempos longínquos. Suas aplicações precedem em muito a invenção da fotografia. Os raios luminosos vindos de uma fonte de luz incidem sobre um objeto que os reflete em todas as direções. Parte da luz refletida entra pelo orifício localizado na parede anterior da camera escura e forma uma imagem invertida do objeto na parede posterior. A imagem que se forma é tênue em decorrência da reflexão difusa emitida pelo objeto e da exígua dimensão do furo da parede anterior, fotões que determinam a passagem de apenas uma pequena quantidade de luz. O alargamento do furo provoca a perda da nitidez na imagem que se forma, faz aparecer um *flo*, um desfoque nas bordas do desenho projetado. A minoração da deficiência ou melhoria da qualidade da imagem pode ser conseguida com o auxílio de uma lente biconvexa para convergir os raios luminosos que ao tocarem sua superfície circular e abaulada são agrupados e redirecionados em sentido único. A função de convergir raios luminosos que invadem o olho humano é desempenhada pelo cristalino, a variação do diâmetro do orifício por onde penetra a luz é controlada pela pupila.



(figura 5)

Comparado o globo ocular com uma camera fotografica podemos dizer que a córnea, o humor aquoso, o cristalino e o humor vítreo³ formam um conjunto de lentes e elementos óticos que desempenham o papel da objetiva; a pupila funciona como o diafragma e a retina tem a função da placa sensível ou do filme. A luz que traz a imagem do objeto para dentro da camera fotográfica tem o comportamento análogo aos raios luminosos que refletidos pelo objeto penetram na córnea e no humor aquoso, passam pela pupila, atingem o cristalino e projetam a imagem desse objeto sobre a superfície nervosa da retina.

As semelhanças tendem a diminuir a partir do ponto em que a imagem fica desenhada na retina do olho humano e, na câmara, vai projetada na placa sensível ou filme. Ou seja, na parte do processamento da luz onde os princípios óticos são a predominância.

Quando a imagem atinge a retina os sinais luminosos são transformados em impulsos elétricos iniciando a regência do processo químico no tratamento da imagem. A retina atua como se fosse um laboratório onde ocorrem reações químicas nas células receptoras. Os bastonetes liberam uma substância chamada rodopsina que absorve quantum luminoso e se decompõe até a metarrodopsina II, substância capaz de provocar alterações elétricas e excitação nos receptores. Detalhando um pouco mais essa etapa do processo podemos dizer que no escuro os bastonetes permanecem polarizados pelo fluxo de ions que os trapassa e, com a incidência de maior luminosidade a entrada de ions é interrompida no segmento externo provocando sua hiperpolarização, de volta ao escuro, o fluxo iônico se recompõe. Essa alternância de comportamento da células receptoras define a reversibilidade do processamento luminoso. Remarcando o exposto: a mudança comportamental de cones e bastonetes provocada pela absorção de fótons sempre retorna ao ponto inicial na ausência de luz.

As informações luminosas transmutadas em estímulos nervosos são conduzidas pelos tecidos fibrosos do nervo ótico ao núcleo geniculado lateral do cérebro que os transmite quimicamente para o córtex visual no lobo occipital, campo em que ocorrem interpretações com auxilio do tálamo e hipotálamo, regiões profundas do universo cerebral que atuam nas emoções e sensações.

³ Vale marcar a diferença dos ambientes nos quais a luz trafega na câmara fotográfica e no olho. Na câmara os espaços entre lentes e entre o último elemento da objetiva e placa sensível são ocos, nos olhos as cavidades entre a córnea, o cristalino e a retina estão preenchido pelo humor aquoso e o humor vítreo. Portanto, nas máquinas fotográficas a luz se propaga no ar e nos olhos ela trafega nos líquidos.

A transformação de raios luminosos em estímulos nervosos na área da retina e seguimento rumo as áreas mais antigas do cérebro foi descrita sumariamente, de modo extremamente simplificado em virtude do objeto dessa análise. De fato, essa etapa é altamente complexa e permite esclarecer que não vemos a imagem exatamente como ela é projetada na retina, essa projeção imagética no fundo do olho é apenas uma parte do processamento da luz pelo sistema visual. As informações óticas são de natureza distinta das informações nervosas.

Em resumo o processamento luminoso cumpre um trajeto onde reações químicas mudam a natureza da informação. Nesse caminho pode-se identificar três estágios distintos que são marcados por operações óticas, químicas e nervosas. Para AUMONT (2008, p.21) “o sistema visual não se contenta em copiar a informação; processa-a em cada estágio”. Ao negar uma correspondência ponto a ponto do objeto refletor com o mapa de estímulos nervosos criado por transcodificação química da imagem retiniana, o sistema visual se mostra permeável, em grande escala, a subjetivas leituras, interpretações, interferências e contribuições criativas.

Não estamos negando a existência do objeto gerador da imagem criada pelo cérebro, sabe-se com AUMONT (2008, p.56) que percepção é uma atividade direta e que mesmo sendo atribuição do aparelho visual a decodificação de estímulos, a primazia da visão é extrair informação, a despeito de sua capacidade de criar “perceptos”.

Por último, entendemos que o olho é apenas fração do sistema visual, sua contribuição é de parcela no ato ver, reconhecer, interpretar e mesmo recriar os objetos. Portanto, em concordância com AUMONT (2008, p.58) ressaltamos a distinção “o olho não é o olhar.”

1.3 A visão do invisível

A condição de órgão duplo do olho geradora do fenômeno conhecido como visão binocular permite a noção de profundidade que conhecemos na pintura pós-perspectiva. A visão com um único olho achata os objetos contra o fundo, reproduzindo um cenário reduzido à apenas duas dimensões: comprimento e largura, como nas pinturas primitivas e inscrições hieroglíficas.

A visão ciclópica, determinada pelo único olho, é associada por BAVCAR (2003, p.136-137) ao rudimentar, ao intuitivo, ao primário, ao repetido, ao único

indivisível. O ciclope não separa forma de conteúdo, para ele “Ulisses⁴ e Niguém constituem um único ser”, limitação que impede o socorro de seus pares e o leva à morte trágica. O enfoque monocular não permitiu ao ciclope distinguir a pessoa do nome, levando-o a cair no arдил preparado por Ulisses. O olhar ciclópico é prisioneiro da primeira visão do auto-reflexo, quando não se sabe ainda a diferença entre o ser e sua própria imagem refletida. O engôdo no qual o ciclope foi vítima “remete a nossa própria experiência face ao espelho, que nos obriga a separar a imagem refletida do seu objeto real.”

No embate mitológico entre Odisseu e o ciclope Polifemo, o herói representa a visão normal, binocular, comum aos mortais. A visão ligada ao saber derrota a visão unidimensional dissociada do pensamento. Para BAVCAR (2003, p.137) a visão monocular é cega por força de seu vínculo indissolúvel com a fatalidade, pela impossibilidade da quebra do determinismo, “porque ela remete a si mesma, repetindo-se ao infinito, como fazem os espelhos”. Porém, para ele a visão binocular não basta, ela não é a única resposta possível aos mistérios da natureza. O visão normal de Édipo não o isentou de padecer os desígnos do oráculo. Somente depois de perder a vista Édipo vai ao encontro de uma terceira possibilidade para exergar o mundo. Diferente da visão mítica de Polifemo e da visão diferenciada de Ulisses, ele procura o invisível, busca o terceiro olho, aquele que independe da “argila”⁵, prescinde da matéria. Édipo descobre a visão interior que desvenda os significados da profecia, desligada dos preceitos místicos monoculares e mais profunda que a dualidade discricionaria binocular, essa terceira visão, a visão legada a Tirésias⁶ não “aceita o mundo real tal e qual, mas tal como poderia ser.”. É a interpretação das imagens vistas e imaginadas, lidas e organizadas em forma de narrativa que estamos chamando de olhar. A visão de Tirésias, o objeto-fato visto e vivenciado, processado subjetivamente, é, portanto, o que se conceitua, no âmbito dessa análise, como olhar.

⁴ Sobre Ulisses (Odisseu) confira, também, Gustav Schwab “As mais belas histórias da antiguidade clássica: Os mitos da Grécia e de Roma. Volume II: Odisseu e Enéias (p. 40-49).

⁵ Estamos usando “argila” no sentido dado por Nikos Kazantzakis que ao falar de Édipo cunhou a expressão: “Que lástima para nossos olhos de argila, porque eles não podem perceber o invisível.” Frase lembrada por Evgen Bavar em Memórias do Brasil (2003, p.137).

⁶ Tirésias, personagem da mitologia que possuía a experiência dos dois sexos. Tirésias foi chamado a arbitrar no Olimpo uma grande controvérsia entre Zeus e Hera. A discussão versava sobre quem teria maior prazer no ato sexual. Tirésias, ao responder sem hesitar que era a mulher, despertou a ira de Hera. Esta, julgando ter ele denunciado a superioridade do homem, visto que seria ele o causador de tamanho prazer na mulher, implacavelmente o cegou. Zeus, porém, apiedou-se de Tirésias e lhe ofertou como compensação o dom da mántis, ou seja, o tornou capaz do conhecimento do futuro.

Ao tratarmos dos processos de reconhecimento, identificação, criação e reconstrução subjetiva da imagem dos objetos no processo da visão, não se pode fugir da questão básica que confronta o real e o imaginado, a verdade e a invenção, o material e o fictício. Enfim, do conflito ilustrado pela justaposição de adjetivos que adornam o objeto material e sua representação imagética. Em momento algum pretende esse estudo negar a existência da matéria, a presença do real concreto. Porém, não se desconhece que as relações materiais entre os homens e os objetos ocorrem mediadas pelos sentidos humanos. Falamos da visão como mediadora dos relacionamentos entre o objeto e sua imagem.

1.4 A imagem do objeto não é o objeto

Um dos primeiros parâmetros que concorrem no sentido de elucidar as diferenças entre o objeto e sua imagem é a temporalidade. O tempo vai sempre mediar essa relação. A imagem que se forma na retina do fundo do olho, passa a ser vista ou percebida, ou entendida em um tempo posterior a existência material do objeto que a gera. Por menor que seja essa fração do tempo, pois estamos falando em transmissão na velocidade da luz, o reconhecimento do objeto ocorre no após, em um espaço temporal posterior.

Pensando junto com BARTHES (1984, p.20) podemos dizer que a visão provoca o “retorno do morto”. Nunca enxergamos o presente, tudo que vemos aconteceu no passado, em um passado ultra-recente, porém, pretérito. No cotidiano tomamos esse passado recentíssimo como uma extensão do presente, um alargamento do presente e a ele nos referimos com o agora. Também AUMONT (2008, p.31) nos chama atenção para as intervenções que as temporalidades provocam na visão. Para o pesquisador o olho é suscetível às interferências temporais que em muito afetam a visão. Em primeiro lugar lembra que a maioria dos estímulos tem duração diversa, ou ocorre sequencialmente. Afirma, também, que a informação recebida pelo cérebro é variável como resultado do constante movimento dos olhos. E, ainda, relembra que a percepção não é um processo instantâneo, algumas etapas são percebidas com muita rapidez outras, porém, são bem mais lentas, “mas o processamento da informação se faz sempre no tempo”.

Nesses lapsos de tempo as transformações acontecem, nas lacunas temporais existe espaço para contribuições subjetivas e mediações biológicas. Existe uma espécie de releitura do objeto projetado que nos permite novamente uma aproximação com a

afirmativa “escrever é reescrever” do filósofo Paul RICOEUR (1994, p.22). Permite, ainda, lembrar a citação de Leyla Perrone-Moisés em “O Olhar” (NOVAES.1988. p.345) que traz Bernardo Soares – autor do “Livro do Desassossego” afirmando poeticamente: “Os campos são mais verdes no dizer-se do que no seu verdor”.(1986, p.398).

Bibliografia

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP: Papirus, 13ª edição, 2008.

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAVCAR, Evgen. *Memórias do Brasil*. São Pulo: Cosac & Naify, 2003.

NOVAES, Adauto (*et. alli.*). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras: 1988.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa (tomo I)*. Campinas, SP: Papirus, 1994.